

A CLASSE MÉDIA: O DESAFIO EM PROPORCIONAR UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE DE SEUS FILHOS

Cynthia do Carmo^{*}
Carlos Alberto Lima Tavares^{**}
Rívia Jorge de Lima Tavares^{***}
Rozilda Aparecida Figueredo^{****}

RESUMO

O presente trabalho busca analisar a educação e apresenta como atividade intencional sinalizada pelas práticas sociais, características de um determinado contexto e encarregada pela socialização dos saberes construídos e acumulados historicamente, pelas novas gerações, que os transformarão em favor das necessidades de seu próprio tempo e espaço. São muitos desafios e dificuldades para efetivação da qualidade de aprendizagem na classe média. O desafio torna-se ainda maior diante de sistemas escolares que, preestabelecem e exigem o cumprimento de determinados conteúdos, currículos, conhecimentos. Isso ocorre não só dentro das escolas, como também em algumas políticas educacionais. Quando se pensa por exemplo nas avaliações externas que tratam todos como iguais em relação à aprendizagem e não consideram as variáveis da mesma: tempos, ritmos e interesses diferentes. Por isso, existe uma necessidade de um trabalho em conjunto entre os atores educacionais como o Estado com as suas políticas, as escolas, os professores, família e comunidade escolar, cada uma cumprindo o seu papel na qualidade de ensino.

Palavras-chaves: Classe Média; Educação de Qualidade; Desafios; Aprendizagem.

ABSTRACT

This paper seeks to analyse education as an intentional activity signalled by social practices, characteristic of a given context and responsible for the socialization of

^{*}Cynthia do Carmo - Bacharel em Farmácia Bioquímica pela UFG- Universidade Federal de Goiás, Licenciada em Química pela UFG – Universidade Federal de Goiás, Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz – Estado do Paraná- PR, Pós-Graduada em Ciências da Natureza pela UNB – Universidade Brasília, cyncarbr@yahoo.com.br

^{**}Carlos Alberto Lima Tavares - Bacharel em Ciências Contábeis pela FACH – Faculdade Anhanguera de Ciências Humanas, Bacharel em Teologia pela UFES – Universidade Federal do Espírito Santo, Especialista em Teologia Pastoral pelo Seminário Sul Americano em Londrina, Pós-Graduado em Docência Universitária pela UEG – Universidade Estadual de Goiás, Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz – Estado do Paraná- PR, calbertolt@hotmail.com

^{***}Rívia Jorge de Lima Tavares - Licenciada em Ciências Sociais pela UFG – Universidade Federal de Goiás, Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz – Estado do Paraná- PR, Pós-Graduada em Docência Universitária pela UEG – Universidade Estadual de Goiás, em Psicopedagogia e Clínica Institucional pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz – Estado do Paraná- PR, e em Neuropedagogia Aplicada à Educação pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura, riviajorgedelimatavares@gmail.com

^{****}Rozilda Aparecida Figueredo - Licenciada em Educação Artística - Artes Plásticas pela Universidade Federal de Goiás (UFG) - 2001- Pós-Graduada no Ensino de História pela Faculdade Finom (2011) - Mestranda em Ciências da Educação pela FICS (2019) - figueredo2001@gmail.com

historically constructed and accumulated knowledge by new generations, who will transform it to meet the needs of their own time and space. There are many challenges and difficulties in achieving quality learning in the middle class. The challenge becomes even greater in the face of school systems that pre-establish and demand compliance with certain content, curricula and knowledge. This occurs not only within schools, but also in some educational policies. For example, external assessments treat everyone as equal in terms of learning and do not take into account the variables of learning: different times, rhythms and interests. For this reason, there is a need for joint work between educational actors such as the state with its policies, schools, teachers, families and the school community, each fulfilling their role in the quality of education.

Keywords: Middle Class; Quality education; Challenges; Learning

RESUMEN

Este trabajo busca analizar la educación como una actividad intencional marcada por prácticas sociales, características de un determinado contexto y responsable de la socialización del conocimiento históricamente construido y acumulado por las nuevas generaciones, que lo transformarán para atender a las necesidades de su propio tiempo y espacio. Son muchos los desafíos y las dificultades para hacer realidad la calidad del aprendizaje en la clase media. El desafío se hace aún mayor frente a sistemas escolares que preestablecen y exigen el cumplimiento de determinados contenidos, currículos y saberes. Esto ocurre no sólo dentro de las escuelas, sino también en algunas políticas educativas. Cuando pensamos, por ejemplo, en las evaluaciones externas que tratan a todos como iguales en términos de aprendizaje y no tienen en cuenta las variables del aprendizaje: tiempos, ritmos e intereses diferentes. Por eso es necesario un trabajo conjunto entre actores educativos como el Estado con sus políticas, las escuelas, los docentes, las familias y la comunidad escolar, cumpliendo cada uno su rol en la calidad de la educación.

Palabras clave: Clase media; Educación de calidad; Desafíos; Aprendizaje.

1 INTRODUÇÃO

A denominação “nova classe média”, nos últimos tempos, tem sido amplamente utilizada por diferentes e importantes esferas sociais no Brasil. As várias abordagens que o tema tem recebido nos meios de Comunicação indicam para o crescimento da classe média, incluindo nesta faixa a parte da população de classe popular que ascendeu economicamente e aumentou seu poder aquisitivo. Este foco na renda, entretanto, fez com que houvesse maior investimento na educação formal, cabendo aos pais o grande desafio em promover uma educação de qualidade.

Este artigo tem, entre seus objetivos, compreender o a definição de “capital” proposto por Bourdieu e Colman no estudo das desigualdades escolares e como a “nova classe média” propicia uma educação formal de qualidade para seus filhos; Refletir sobre a Teoria sociológica: Questão educacional, e os fatores intrínsecos

relacionados à forma de como os pais proporcionam uma educação de qualidade a seus filhos, e as estratégias de investimento nessa educação realizada pela camada social da “nova classe média brasileira”. O problema da pesquisa se resumiu: De que forma a classe média propicia uma educação de qualidade para seus filhos?

A pesquisa utilizou uma abordagem bibliográfica para teorizar e fundamentar a pesquisa, de modo especial, a teoria de Bourdieu sobre a teoria sociológica sobre a educação e outros autores, que contribuiriam no entendimento desta abordagem.

2 Classes sociais, educação e “nova classe média”

No que diz respeito à educação, essa camada representa mais da metade dos alunos matriculados na rede particular, que vai desde a pré-escola à pós-graduação, conforme dados da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF de 2008-2009). Uma pesquisa do Instituto Data Popular, fundamentada na referida POF demonstra que, nas escolas privadas, grande presença se dá por estudantes da “nova classe média”, com 51,6% do total de alunos. A distribuição restante fica a cargo dos extratos A B e D. Tais dados sugerem a ideia de que a chamada “nova classe média” acredita que a educação é uma alternativa para melhorar suas chances de ter uma vida melhor.

Nota-se, que haveria uma tendência no valor que os brasileiros dão à educação como alternativa de ascender socialmente, de elevar seu poder aquisitivo e, por conseguinte, melhorar sua qualidade de vida. Devido às famílias, estar com rendimento mais alto, o grande investimento parece ocorrer não somente em bens materiais como casa própria, carro, eletrodomésticos ou aparelhos tecnológicos. Mas o investimento ocorre igualmente na escolaridade. Mais especificamente, na escolaridade dos filhos.

De acordo com o Instituto Data Popular, através de dados empíricos verifica-se que essa classe representa pouco mais da metade da população nacional (53,9%). Conforme estudos (IBGE e Fundação Getúlio Vargas- FGV) ocorreram uma ascensão de grupos sociais até então menos privilegiado financeiramente.

Segundo uma pesquisa da FGV denominada “A nova classe média” (2008), que foi realizada em algumas regiões metropolitana brasileira de caráter quantitativo, essa classe está abaixo da A e B e acima da D e E. Com o objetivo de quantificar a renda, foi realizado um cálculo da renda per capita de cada domicílio pesquisado. Pode-se constatar que essa pesquisa, a classe C tem uma renda entre R\$1.064,00 e R\$4.561,00 e se localiza acima dos 50% mais pobres e abaixo dos 10% mais ricos

do país.

Desta maneira, a “nova classe média” brasileira refere-se a 52,67% da população, o que equivale a quase 98 milhões de pessoas. Conforme o referido estudo, a grande modificação contextual é atribuída recuperação do mercado de trabalho, beneficiando a colocação desta população no mercado de trabalho através de empregos formais, com “carteira assinada” (tendo por base a Pesquisa Mensal de Emprego-PME/IBGE e no Cadastro Geral de Emprego e Desemprego do Ministério do trabalho e Emprego- Caged/MTE).

Outro estudo, feito baseado nos dados da Pesquisa Nacional por amostra de Domicílio (PNAD), denominada “Classe Média em Números”, da SAE (Secretaria de Assuntos Estratégicos), confirma que na última década, 31 milhões de pessoas adentraram na “nova classe média”. Esse estudo teve a sua apreciação nos anos de 1999 a 2009. De acordo com esses dados da SAE, atualmente cerca de 95 milhões de indivíduos fazem parte desta camada social, com renda familiar entre R\$1.000,00 e R\$4.000,00.

É importante observar que o termo “nova classe média”, sempre vem entre aspas. Porque alguns autores da sociologia e economia não concordam com a ideia de que esta classe seja, de fato uma “classe média” formada com base nos parâmetros e padrões do que tradicionalmente tem sido definido como “classe média”. Pelo contrário, representa mais uma maneira de contribuir para a ambiguidade do conceito de “classe média”. Por outro ângulo existem autores que não consideram sequer como uma classe.

Pode salientar que um dos fatores que contribuíram para o surgimento e crescimento desta “classe” foi a estabilização econômica brasileira, atribuída em grande parte pelas mudanças econômicas trazidas pelo Plano real, implantado em 1994. De acordo com os dizeres de Raul (2012, p. 9):

O crescimento econômico e o aumento do consumo trouxe uma elevação do número de empregos, e vice-versa. Por conseguinte, também cresceu a oferta de crédito ao longo prazo para grupos sociais emergentes. A estabilização monetária, então, contribuiu muito para a consolidação e o aumento da chamada “nova classe média.

Pode-se salientar que o crescimento econômico constituiu a base para o surgimento dessa classe, nesse período houve crescimento da oferta de crédito, uma estabilização financeira, isto se deu, principalmente nos governos Lula (2003-2011) e Dilma (2011-2016),, todavia, porém com o golpe institucional de 2016, que promoveu o afastamento da presidente Dilma Rousseff (2016), formou-se no Brasil, um movimento de reação e de negação dos avanços sociais até então acontecidos.

2.1 A “nova classe média”

Dentro do extrato social, correspondente da “nova classe média”, no que refere ao campo educacional constata-se que o interesse pela formação intelectual não considera o consumo de bens do mercado cultural, exemplo: frequentar a teatro, intercâmbios, leituras extracurriculares e a convivência em espaços artísticos. Cabe ressaltar que, justamente por se média, intermediária, é problemático precisar os limites dessa classe social. A denominação “classe média”, termo bastante usado, mesmo no espaço acadêmico, diversas vezes torna-se vago, desprovido de significado.

Nota-se que atualmente há uma divulgação por meio de propaganda política bem explícita a divulgação dos números de brasileiros que ascenderam economicamente. Isso é justificado, pois, está se levando em consideração a análise economicista, e esquecendo-se de considerar outros fatores além do econômico.

Xavier Sobrinho (2011 apud Raul, 2012, p. 21) faz sérias críticas as pesquisas divulgadas pela FGV, afirmando que “ a pesquisa identifica-se mais, operacional e epistemologicamente, com o “Critério Brasil” das empresas anunciantes e ofertantes de pesquisa do que com qualquer abordagem sociológica a respeito dessa classe social.

Dessa forma, a interpretação de que está surgindo uma “nova classe média” brasileira não é unânime. Porque mesmo a partir da perspectiva limitada da classe social, baseando-se nos rendimentos, seria mais adequado dizer em há uma elevação do patamar em que se localiza a base da pirâmide social (até porque o movimento ascendente é geral, entre outras classes.).

A grande crítica acadêmica encontrada, ao conceito divulgado de “nova classe média” é o de Souza (2010 apud Raul, 2002, p. 30), uma vez que , ele declara que esse termo “classe média”, não é conveniente, porque essa denominação vai além do poder aquisitivo, refere-se ao modo comportamental. Uma vez que, revela que as pessoas estão ganhando mais, alcançando um nível de consumo mais elevado. Contudo, comentar sobre essa “classe media” envolve valores no que diz respeito a educação , conhecimento, conservadorismo político, entre outros. Mistura uma série de particularidades que não e o caso desta “nova classe média”. Tal classe emergente é uma espécie de nova classe trabalhadora, “sem direitos” e que trabalha muitas horas diárias (aproximadamente 12 horas), o que oportuniza consumir bens duráveis e serviços com um grande dificuldade.

Souza (2010) enfatiza que os componentes deste estratoeconômico passaram, nos últimos tempos, por um processo de ascensão e inserção econômica, o que distingue da população mais carente e ignorada no país. Em suas pesquisas Souza indica que essa ascensão ocorreu sobretudo devido a uma “ética do trabalho duro” esse pessoal. Remotamente elas faziam parte da camada mais pobre da sociedade, daquilo que se intitulava “classe D”.

Todavia, emergiram devido ao esforço pessoal, a dedicação ao estudo e ao trabalho, muitas vezes concomitantemente. Deste modo, afirma que:

Conseguiu, por intermédio de uma conjunção de fatores, internalizar e incorporar disposições de crer e agir que lhe garantiram um novo lugar na dimensão produtiva do novo capitalismo financeiro [...]. Nossa pesquisa mostrou que essa classe conseguiu seu lugar ao sol à custa de extraordinário esforço: à sua capacidade de resistir ao cansaço de vários empregos e turnos de trabalho, à dupla jornada na escola e no trabalho, à extraordinária capacidade de poupança e de resistência ao consumo imediato. (Souza, 2010,p.47).

Consta-se, nas pesquisas de Souza (2010) que tais mudanças, ascensão social, se deve graças ao “capital familiar”. O que fica claro no caso desta classe é a transferência de valores do trabalho arduo e permanente, mesmo em condições sociais desfavoráveis. Apesar do capital econômico e cultural ser escasso, a grande parte dos batalhadores possuem família estruturada, com a incorporação dos papéis familiares tradicionais de pais e filhos bem desenvolvidos e atualizados. Deste modo, a família estruturada constitui o alicerce que propiciará as conquistas futuras de melhores condições de vida e distinção social.

Embora não comungue com o mesmo ponto de vista economicista, a respeito desse novo fenômeno brasileiro, Souza argumenta que existiu fatores econômicos para o surgimento da “nova classe média”. Como: a estabilização financeira, o domínio do capitalismo financeiro sobre o modo de produção. No caso do Brasil, a mega e tradicional produção industrial fordista, com a produção de massa, que leva ao consumismo. Principalmente até a década de 80, onde cedeu espaços para um novo tipo de necessidade que impõe pequena produção e maior conformidade com os desejos do consumidor.

A respeito dos fatores econômicos que originaram a queda da produção industrial, pode-se citar a crise do petróleo em 1973, que elevou o preço das matérias-primas, tão importante para a indústria. Como resultado, isso diminuiu profundamente a produtividade e a margem de lucro das indústrias, concomitante com o aumento das dificuldades fiscais para a manutenção das garantias sociais dos trabalhadores. Ainda de acordo com Souza (2010 apud Raul, 2012, p. 22-23): “A

relação entre oferta e demanda muda de modo importante, já que novos produtos e novos mercados têm que ser conquistados e mantidos pela constante inovação nos produtos”. Percebe-se que ocorreu uma reorganização do mundo do trabalho moderno, que é ocupada por esta nova classe trabalhador que, em grande parte, no passado estava nas linhas de produção industrial e nesse instante passou a perceber novas oportunidades e possibilidades de inserção no mercado de trabalho.

Conduo, mencionando a categoria mundial, Souza (2010) destaca as causas política e culturais, que podem ter tido um peso maior que as causas econômicas. Tais causas fundamentaram as causas econômica. Que vai dos movimentos de maio de 1968, as críticas às hierarquias, à vigilância aos trabalhadores nas fábricas e a crítica ao mundo convencional. Essa críticas saíram do campo econômico e se tornaram críticas à hierarquia política e social. No entanto, o capitalismo conseguiu se adequar a essa mudança no imaginário e ideário social,

Retomando a concepção de Boltanski e Chiapello, na qual o capitalismo sempre reafirma a sua importância, atribuindo desta forma, legitimidade a si mesmo. Após a década de 80, o capitalismo reorganiza-se, baseando-se na transformação do processo de acumulação de capital. Para justificar essa mudança, o capitalismo utilizou-se do que o autor chama de “expressivismo” no mundo do trabalho e da liberdade individual que tinha sido propagada no imaginário social a partir dos movimentos contraculturais da década de 70. (Raul, 2012, p. 23)

Pode-se constatar o capitalismo sempre reafirma a sua importância, a fim de legitimar a si mesmo, baseado na transformação do processo de acumulação de capital. Deste modo, o capitalismo conseguiu se adequar e sobreviver as mudanças no imaginário e ideário social. Todavia, o maior desafio está na reestruturação do capitalismo financeiro e flexível, o qual baseia em uma redefinição das relações entre o capital e o trabalho.

Contudo, para a “nova classe média” o capital cultural e social, tem pouco volume, bem menor quando comparado a classe média tradicional. Já para as classes dominantes (média e alta) são definidos pelo acesso privilegiado a este tipo de capital. A este grupo é assegurado o acesso aos bens e recursos, tanto simbólico quanto materiais, que são poucos para os demais membros da sociedade, são eles: o reconhecimento social, respeito, prestígio, bons carros e casas, viagens, roupas de marca, amizades influentes, entre outros. Dentro desta perspectiva, o que se denomina de “nova classe média” não seria uma classe média propriamente dita, devido não apresentar este acesso diferenciado e por não compartilhar desses valores e privilégios sociais.

2.2 Teoria Sociológica: Questão educacional

Uma das convicções de Bourdieu (1998) é a de que, pelas experimentações de sucesso e fracasso, os grupos sociais iriam formando um saber prático (não plenamente consciente) referente ao que é exequível ou não de ser alcançado pelos seus integrantes dentro da realidade social na qual eles encontram, e do mesmo modo um conhecimento sobre as formas mais conveniente de se fazer isso.

Transportando essa ideia para o âmbito da educação formal, esse pressuposto indica que os grupos sociais, a começar dos exemplos de sucesso e fracasso na escola vivida pelos seus integrantes, criam suas chances reais no universo acadêmico e passam a apropriar de forma inconsciente. Isto é, de maneira mais concreta, isso significa que os membros de cada grupo social penderão a investir uma parte maior ou menor dos seus esforços na atividade escolar dos seus filhos, conforme percebam serem maiores ou menores as chances de êxito. Essa investidura pode ser em termos de tempo, dedicação ou recursos financeiros.

De acordo com as concepções de Bourdieu, o tipo e a intensidade das aplicações em educação diferenciam ainda, em conformidade com o grau de reprodução social de cada grupo (a permanência na posição atual ou a tendência à mobilidade social progressiva), conforme o sucesso escolar dos membros desses grupos. Consequentemente, as classes altas, a exemplo, não necessitariam investir tão demasiadamente no estudo dos seus filhos, quanto certa porção da classe média que devem sua posição social, quase que integralmente às certificações acadêmicas. Os procedimentos que serão sancionados pelas famílias dependem vigorosamente da posição socioeconômica e do grau de segurança financeira que apresentam.

No que se refere às estratégias de investimento em educação, Bourdieu distingue conjunto de procedimentos que seriam usados pelas classes popular e média. A concepção bourdieusiano de estratégia é, substancialmente, uma “série de ações ordenadas e orientadas” Bourdieu (1974 apud Raul, 2012, p. 17) para um grupo social se formar ou se reproduzir.

Elas aparecem como ações práticas fundamentadas pelos estímulos de uma determinada situação histórica e social. Podem-se citar as estratégias de investimento escolar dos pais de alunos. Dando prosseguimento a essa linha de pensamento, quando se estabelece uma estratégia, isso se dá de forma definida e planejada, e quase sempre todos os familiares colabora e é envolvido nesse processo, diversamente do que aconteceria trata-se apenas de formas de

investimento escolar. Porém, de acordo com Bourdieu tais estratégias são adquiridas de modo inconsciente, porque são procedimentos vistos como evidentes e naturais por aquele que os adotam. Não são notadas por eles próprios como ações planejadas.

Deste modo, a classe popular, desvalido em capital econômico e cultural, tenderia a aplicar de modo baixo a moderada no sistema educacional. Esse investimento se explicita por várias formas, segundo a percepção, a partir dos exemplos de sua própria realidade social, de que as chances de sucesso são reduzidas (em virtude da carência de recursos econômicos fundamentais para um bom desenvolvimento acadêmico). Isso faz com que o retorno do investimento seja muito incerto e, portanto, o risco ficaria muito alto.

Tal risco seria ainda maior devido o retorno de esse investimento escolar acontecer num prazo longo, ou seja, o indivíduo estuda por muitos anos e somente depois tem a possibilidade (se as expectativas se tornarem realidade), desfrutarem desse investimento social e financeiro. Contudo, tais famílias estariam, devido a sua condição socioeconômica, com pouco preparo para arcar com os custos econômicos dessa espera (pode-se citar, o adiamento da entrada dos filhos no mercado de trabalho, devidos aos anos necessários par terminar um curso universitário). Uma aplicação numa carreira mais longa somente se daria nos casos onde o aluno apresentasse deste a mais tenra idade, resultados escolares muito positivos, ou seja, acima da média, que legitimariam essa aposta arriscada na vida escolar.

Contudo, as classes médias, ou pequena burguesia, penderiam a investir de forma pesada e sistemática na escolarização dos filhos (é um sentido de educação partilhado por esse grupo social). Ainda segundo Bourdieu (1998), isso pode ser explicado, em parte, pelas chances teoricamente superiores (em comparação com as classes populares) dos filhos das classes médias obterem o sucesso escolar. As famílias desse grupo já possuiriam um volume razoável de capital econômico e social que lhes permitiria apostar no mercado escolar sem correrem tantos riscos, economicamente falando.

Os hábitos das famílias das classes médias não podem ser justificados somente pelas chances “superiores” dos filhos dessas famílias conseguirem alcançar o sucesso escolar. É necessário levar em consideração as expectativas que esses grupos sociais possuem em relação ao futuro. Oriundas na maioria das vezes de camadas populares e tendo ascendido às classes médias através da escolarização, essas famílias traz esperanças de continuarem sua ascensão social, dessa vez, em direção às elites. As condutas das classes médias poderiam ser

compreendidas, agora, como parte de um esforço mais complexo com o intuito de criar condições favoráveis à ascensão social.

Bourdieu (1998) salienta que, como parte desse esforço das classes médias, “a boa vontade cultural” se configura pelo reconhecimento da cultura legítima e pelo esforço sistemático para adquiri-la. As famílias das classes médias principalmente aquelas oriundas das classes populares e que possuem um limitado capital cultural desenvolveriam várias ações com: compra de livros premiados, intercâmbios, frequência a eventos culturais, entre outros, com meta à aquisição de capital cultural.

Dubet al (2012) questiona a função da escola como reprodutora das desigualdades sociais. Sua concepção é de que a proliferação das desigualdades se daria das desigualdades sociais para as escolares, bem como, das desigualdades escolares, para as desigualdades sociais, sugestionando-se a pensar no desfecho após a escola. Isto é, tratar-se – ia de um ciclo contínuo. Quanto mais uma sociedade dignifica o valor dos diplomas, maiores desigualdades sociais existem, em virtude da diferença de valor dado aos mesmos.

Quando um país considera que os diplomas devem determinar estritamente as posições sociais, não somente as desigualdades escolares desempenham um papel social considerável no futuro dos indivíduos, mas também os pais vão fazer tudo para aumentar a vantagem escolar relativa de seus filhos, visto que seu futuro depende totalmente disso. (Dubet, 2012, p. 24).

No que refere às críticas à teoria de Bourdieu referente à relação da estrutura das classes sociais com o sistema escolar, pode-se questionar que, em diversos casos, não é possível afirmar que estudantes de classes populares se saiam mal na escola, ou que os alunos de classes altas sempre têm êxito. Nem sempre a classe social é fator decisório para o sucesso profissional e escolar. Por tudo isso, a categoria classe social não é o bastante como parâmetro de distinção dos grupos familiares conforme suas práticas escolares. Há sempre as exceções, uma vez que, nem tudo no mundo acadêmico pode ser determinado pela razão social.

Segundo Lahire (1997 apud Raul, 2012, p.19) salienta que “é preciso estudar a dinâmica interna de cada família, as relações de interdependência social e econômica entre seus membros, para entender em que medida os recursos disponíveis”, isto significa os diversos tipos de capitais e o habitus adquirido dos pais e que são passados aos filhos. Lahire se disponibiliza a explicar os bons momentos escolares de filhos de famílias destituídas de recursos, que poderiam assegurar o

bom desenvolvimento escolar. Para tanto, ele argumenta que haveria motivos secundários entre as famílias de meios populares que justificariam a alternância de “fracasso” e “sucesso” escolar, mesmo em condições socioeconômicas semelhantes. Fundamentado nisso, pode-se compreender comportamentos e resultados no ambiente escolar é necessário verificar as relações familiares da criança. Porque ela indica a causa para o fracasso escolar, que diversas vezes, aponta a solidão dos estudantes, ou mesmo a falta de incentivo familiar relacionada ao universo escolar. Os problemas que alguns alunos apresentam na escola são lidados pelos alunos de forma solitária, mesmo quando retornam às suas casas, pois os seus responsáveis não apresentam condições de ofertar o suficiente para ajudá-los em seu desenvolvimento acadêmico.

Assim sendo, a família e a escola formariam redes que se completam ou não originando situações de fracasso ou sucesso acadêmico. A respeito da questão da reprodução e condicionamento social da criança. Essa não “reproduz”, necessariamente e de forma direta, as maneiras de agir de sua família, porém apresenta sua própria modalidade de comportamento em relação dos modelos das relações de interdependência no meio da qual está inserida. Suas ações correspondem a reações que “se justificam” nas ações dos adultos que, sem intencionalidade, desenham, traçam espaços de comportamento e de representações possíveis para ela Lahire (1997 apud Raul, 2012, p.20).

Portanto Bourdieu salienta o fato de que o habitus de uma família e especialmente, de um sujeito, não pode ser deduzido diretamente. Daí o pertencimento a uma determinada classe social, indicaria a forma de habitus, que condiz com comportamentos e disposições generalizadas que sugere ser compartilhadas pelos membros da classe. Deste modo, cada família, bem como os indivíduos separadamente, seria fruto de influência sociais diverso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou contribuir com a produção acadêmica ao trazer em voga a abordagem de compreender a educação como capital cultural, nos possibilitando entender o a definição de “capital” proposto por Bourdieu e Colman no estudo das desigualdades escolares e como a “nova classe média” investem na educação formal de qualidade para seus filhos.

É nesse sentido, faz-se necessário um estudo mais aprofundado sobre o as desigualdades educacionais e sua influência na nova classe emergente. Concluímos que mais estudos são necessários para compreender essa importante relação entre escola e sociedade, sobretudo quando se trata de educação assimilares, poderá ser, o nosso atual desafio.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. (Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____, **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.) Escritos de educação. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998b.

DUBET, François; DURU-BELLAT, Marie; VÉRÉTOUT, Antoine. **As desigualdades escolares antes e depois da escola: organização escolar e influência dos diplomas**. *Sociologias*. Porto Alegre, 2012. Site ecodebate: www.ecodebate.com.br

LAHIRE, Bernard, (1997). **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática

RAUL, L.S. **A “nova classe média” brasileira: estratégias de investimento na educação formal dos filhos**. 2012.44 p. Monografia (bacharel em Ciências Sociais). Universidade Federal do rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

XAVIER SOBRINHO, G. **“Classe C” e sua alardeada ascensão: nova classe média?** Indic. Econ. FEE, Porto Alegre, v.38, n.4, p67-80, 20